

Rapaz procura irmão levado há 18 anos por índios

Funcionário da Assembleia Legislativa de Rondônia acredita que branco, que garimpeiros dizem viver entre os uru-eu-uau-uau, pode ser Fábio, seu parente raptado quando tinha 7 anos em Ariquemes

DILMA TAVARES
Especial para o Estado

BRASÍLIA — O funcionário Francisco Prestes, da Assembleia Legislativa de Rondônia, acredita que, a partir da próxima semana, poderá esclarecer uma dúvida que carregou durante 18 anos. Prestes vai saber se o rapaz branco que vive entre os índios uru-eu-uau-uau é seu irmão Fábio, que, aos 7 anos, foi raptado pela tribo, que matou dois de seus irmãos, em Ariquemes (RO). Algumas pistas obtidas com garimpeiros e seringueiros levaram Prestes a acreditar nessa possibilidade.

O rapto, ocorrido no dia 26 de outubro de 1979, teve grande repercussão na época, mas ao longo dos anos foi esquecido pela população de Rondônia. Francisco, porém, não desistiu e continuou a procurar o irmão, tentando cumprir uma promessa feita ao pai, Chico Prestes. Ele vai à reserva indígena na próxima semana, acompanhado por técnicos da Fundação Nacional do Índio (Funai), atrás do irmão que, se estiver vivo, tem 25 anos.

Francisco, que na época da chacina tinha 8 anos, esteve na semana passada em Brasília, tentando autorização do Ministério da Justiça para encontrar o irmão. Ele está certo de que Fábio é hoje um índio uru-eu-uau-uau. Garimpeiros da região afirmam ter visto um rapaz branco entre esses índios, que vivem divididos em diversos grupos nas proximidades de Ariquemes, a 250 quilômetros de Porto Velho.

Isso ocorreu em 1993, quando seis garimpeiros pesquisavam na região e foram atacados pelos índios. Três morreram e outros três foram amarrados em troncos de árvores. "Eles ficaram presos três dias, mas foram salvos

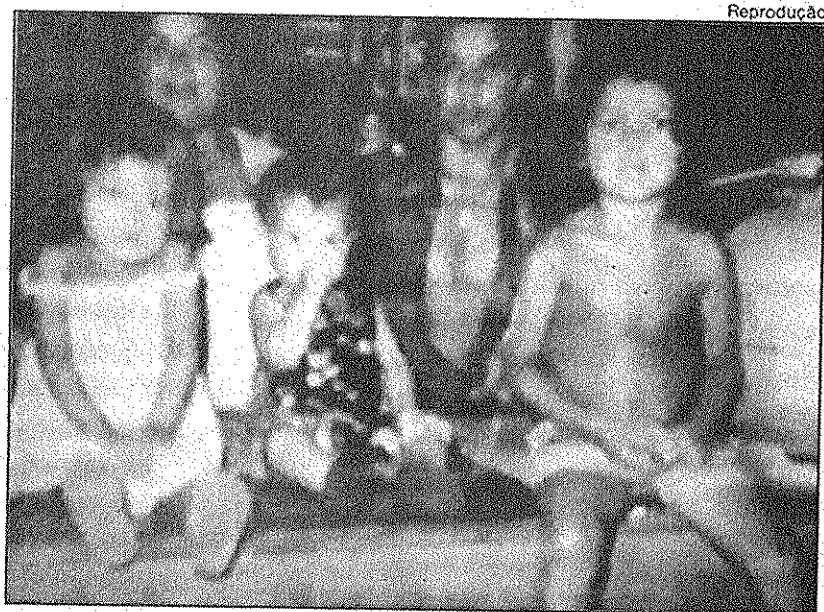
por um rapaz diferente, que dizia não ser índio", afirma Prestes. "O rapaz contou que, há muitos anos, sua família havia sido atacada pelos uru-eu-uau-uau e dois de seus irmãos foram mortos e ele, raptado."

Outras pistas surgiram em 1994. Alguns empregados da fazenda do senador Ernandes Amorim (sem partido) reafirmaram que, entre os uru-eu-uau-uau que sempre se aproximavam da fazenda para pegar carne, havia um rapaz branco. "Os empregados davam um boi para os índios para manter o bom relacionamento e não serem atacados", explicou Prestes. "Em um desses dias, o rapaz branco estava com o grupo que esteve na fazenda."

Tudo isso, segundo Francisco, é do conhecimento das autoridades de Rondônia, que nunca se manifestaram. Eles diziam apenas que Fábio estava morto, mas nunca apresentaram prova. O caso voltou a ser discutido no final do ano passado, quando a deputada estadual Ivone Abrão (PTB) fez com que a Assembleia Legislativa de Rondônia enviasse um documento ao então ministro da Justiça, Nelson Jobim, pedindo

AUTORIDADES
LOCAIS
NUNCA SE
MANIFESTARAM

que interferisse no caso. No mês passado, Francisco Prestes conseguiu uma audiência com o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Milton Seligman, e com assessores da Funai, que lhe deram autorização para entrar na área dos uru-eu-uau-uau. Prestes assegura que, caso o índio branco seja mesmo seu irmão Fábio, não tentará convencê-lo a voltar para o convívio dos brancos. "É ele quem vai decidir se fica com os índios ou volta para casa", afirmou Prestes. "Não quero tomar o Fábio dos índios, apenas ter o direito de tentar conquistá-lo."



Reprodução

Fábio (sentado, à dir.): autoridades nunca se manifestaram

OESP
6/6/97 A18
uru-eu-uau-uau

246